

# ENTRE RUÍNAS E PALAVRAS: A POESIA JIHADISTA

Ana Beatriz Castro (Doutoranda pelo PPGCL-UFRJ/CNPq)

## RESUMO

O que une Osama bin Laden, ex líder da al-Qaeda, assassinado pelas forças americanas em 2011, em Abbottabad, no Paquistão, à Saddam Hussein, ex-presidente do Iraque, condenado a enforcamento em 2006 pelo Tribunal Especial Iraquiano? O que une esses dois ex grandes líderes ao novo líder da al-Qaeda, Ayman al-Zawahiri, ao atual líder do Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, e à Ahlam al Nasr, esposa do líder da propaganda do Estado Islâmico, Abu Usama al-Gharib? O laço unificador desses nomes é a poesia; é por ela e através dela que ouviremos seus lamentos, seus apelos e suas doutrinas; por ela que os jihadistas legitimarão um projeto de propaganda, darão voz aos seus movimentos de resistência e convocarão a comunidade muçulmana à *jihad*. Dessa maneira, o objetivo deste artigo é pensar o fenômeno da poesia entre os combatentes islâmicos e a relação que essa poética estabelece com a guerra, tomando como ponto de partida a manifestação da poesia na cultura árabe-islâmica.

**Palavras-chave:** Literatura Árabe; Jihadismo; Literatura Jihadista; Guerra Civil Síria.

## ABSTRACT

What links Osama bin Laden, a former al-Qaeda leader murdered by US forces in 2011 in Abbottabad, Pakistan, to Saddam Hussein, Iraq's former president who was sentenced to death and executed by hanging in 2006 by the Iraqi Special Court? What unites these two former leaders with al-Qaeda's new leader Ayman al-Zawahiri, with the current Islamic State leader Abu Bakr al-Baghdadi and Ahlam al-Nasr, wife of the leader of the Islamic State propaganda Abu Usama al-Gharib? The unifying tie among these names is poetry: by the poetry and through the poetry we will hear their laments, their appeals, and their doctrines; by the poetry the jihadists will legitimize a propaganda project, will give their resistance movements voice and will call the Muslim community to the *jihad*. Thus, the aim of this article is to think about the phenomenon of poetry among Islamic combatants and the relationship that this poetics establishes with war, taking as its starting point the manifestation of poetry in Arab-Islamic culture.

**Keywords:** Arabic Literature; Jihadism; Jihadist Literature; Syrian Civil War.

Em 2002, Mahmoud Darwish (1941-2008), poeta, escritor e militante da causa palestina, recitou um de seus poemas mais emblemáticos, “Carteira de identidade”, em um estádio de futebol em Beirute para 25 mil pessoas. 25 mil libaneses e palestinos “que viviam em um campo de refugiados compareceram ao estádio para ouvir uma declamação de poesia, que durou cerca de três horas” (BARGHOUTI, 2008), e para ver o mais famoso dos poetas palestinos, mais de 30 anos depois da chamada Guerra dos Seis Dias (1967), quando o Estado de Israel invadiu e se estabeleceu em territórios e fronteiras como a chamada “Margem Ocidental” na Cisjordânia e Jerusalém, que aprofundou ainda mais a divisão entre judeus e palestinos. É nesse contexto que Darwish e muitos outros poetas palestinos “tomaram por hábito desafiar as forças da repressão compondo poemas” (LAÂBI, 1981, p. 16). A eles, convencionou-se chamar *os poetas da terra ocupada* ou o movimento da *poesia de resistência palestina*. Nesse cenário, a poesia assumia um papel significativo, pois era “a única manifestação cultural em que esse povo ‘refugiado em sua pátria’ pôde reencontrar-se e encontrar os elementos verídicos de sua história e de sua cultura. Um escudo contra a amnésia, contra a dúvida, contra o desmembramento” (Ibidem). Ainda que o Estado de Israel tenha impedido a circulação desses poemas, não pôde impedir que as obras circulassem e saíssem clandestinamente de Israel para aparecerem nos países árabes. Rádios clandestinas declamavam os poemas, e algumas pessoas, ainda que conscientes das prisões, distribuíaam os folhetins em praças – os mais corajosos, inclusive, declamavam em voz alta até serem presos. Sobre isso, diz-nos o também poeta, escritor e militante marroquino, Abdelattif Lâabi (1942): “a estratégia colonial na Palestina não tinha contado com essa arma secreta do povo árabe: o poder da palavra” (Ibidem, p. 31).

Esse poder da palavra sobre o qual nos fala Lâabi nos mostra que a poesia sempre ocupou espaço primordial na cultura e sociedade árabes. Ainda que só seja possível falar propriamente em literatura árabe a partir da fixação escrita do Alcorão, após a morte do Profeta Muhammad, em 632 de nossa era, desde o período pré-islâmico, – ou era da *Jahiliyyah*, a chamada “era da ignorância”, entendida desta maneira pelo desconhecimento do islamismo e de um Deus único – a poesia é a principal forma de arte: era a voz das tribos dos beduínos e dos nômades, as memórias dos desertos, das batalhas e seus heróis, do vinho, da caça, dos lamentos e amores perdidos ou inalcançáveis. Nesse sentido, a poesia é considerada repositório das histórias dos árabes (*diwan*), a

qual moldou toda uma sociedade, e era “enraizada na vida do povo, que insensivelmente moldou suas mentes e fixou seu caráter e os tornou moral e espiritualmente uma nação” (NICHOLSON, 1930, p. 73). Em uma época em que não havia códigos escritos, leis ou sanções religiosas, a poesia criou laços invisíveis entre as tribos e proclamou, redigiu pelos versos as *virtudes árabes*, o código de honra dos beduínos, conhecido como *muruwwa*, que era uma espécie de tratado, um sistema sociocultural que definia as qualidades e a honra dos árabes antigos, como a hospitalidade, a generosidade, a força e a bravura. Ainda que laços sanguíneos fossem considerados sagrados e primordialmente importantes, era a poesia que os unia e que os regia pelos valores morais e que fez perpetrar esses ideais transmitidos pelos versos:

A sociedade árabe pré-islâmica não era sem lei. Foi construída sob certos valores e ideais morais; e embora os árabes pré-islâmicos não tivessem um sistema de escrita, esses valores morais foram preservados em sua poesia, pois era “o repositório (*diwan*) de [seu] conhecimento... e a manifestação suprema (*muntaha*) de sua sabedoria. E eles “aprenderam com isso [suas poesias] e cumpriram isso em suas ações”. Como resultado, eles cultivaram seu poder de memória com a dimensão de um grau proverbial. Essa memória prodigiosa era outra característica nacional dos árabes pré-islâmicos. Assim, a poesia foi a promulgação e o registro desses valores morais. (RIDHA, 2015, p. 7)

Essa poética detinha um papel primeiro e fundamental entre os povos e tribos dos beduínos e dos nômades dentro dos quais, por sua vez, os poetas detinham um poder quase que absoluto. A eles era atribuída uma função política, sendo respeitados e temidos, segundo Firestone (1999, p. 31), “os poetas do período pré-islâmico provavelmente tinham mais poder em sua sociedade do que a imprensa dos tempos modernos tem em nossa”. O poeta não era apenas o inspirado, tal como observamos na tradição ocidental, mas o inspirador, não era tão somente aquele que enaltecia a honra de sua tribo e que declamava para um aliado, mas também aquele que detinha “o poder de *proclamar a guerra e promover a paz*” (HANANIA, 2007, p. 75). Era um *guia*, um oráculo que emanava as palavras, os versos *ocultos-espirituais-transcendentes* que podiam interceder e intervir no destino daqueles que atacavam: “o pagão sha’ir é o oráculo de sua tribo, seu guia na paz e seu campeão na guerra” (NICHOLSON, 1930, p. 73).

Desse modo, a poesia pré-islâmica manifestava uma função espiritual, e o poeta, para os árabes antigos, era considerado um bruxo, um mágico, um oráculo “aliado aos espíritos (*jinn*) ou satãs (*shayatin*) e dependente deles pelos poderes mágicos que ele mostrava” (Ibidem, p. 72). Acreditava-se que o poeta, possuído pelo espírito que o conduzia, era capaz de rogar uma maldição

durante uma batalha, que era exibida ao compor uma sátira (*hija*), a mais antiga forma poética conhecida, conceituada como “um elemento de guerra tão importante quanto a luta real” (Ibidem, p. 73). Nesse sentido, essa força espiritual da poesia, em que as rimas eram comparadas a flechas que atravessavam os campos de batalha, mostra-se a partir da imagem do *as-sabbaba*, “o amaldiçoador”, personagem simbólico da poesia da era pré-islâmica. Pierre Cachia nos traz essa imagem:

Quando tão empenhado, ele poderia aparecer com metade de seu cabelo unguado, um ombro coberto e o outro nu, e apenas um pé calçado, e ele apontaria para a tribo oposta enquanto recitava seu verso. Até hoje, o nome árabe do dedo indicador é *as-sabbaba*, “o amaldiçoador”. (CACHIA, 2004, p. 2)

A potencialidade dessa linguagem, sobretudo essa concepção do poema como a própria potência catalisadora da palavra, uma *arma espiritual* que atravessa o espaço pelo próprio ato de declamar versos – como “o amaldiçoador” –, aponta para a própria potência do dizer. A declamação, cuja ruptura nunca ocorreu, é o chamado eletrizante para a escuta, é regida pela imposição da voz que movimenta o poema para o infinito e nele permanecerá pela memória dessas palavras que ecoaram do tempo para ressoarem incessantemente, do deserto às ruínas, dos beduínos aos *jihadistas*, movimentando-se através de gerações e nunca esquecido, como flechas que atravessaram os desertos: “suas palavras não escritas ‘voaram pelo deserto mais rápido que flechas’ e voltaram para os corações e peitos de todos que os ouviram” (NICHOLSON, 1930, p. 72).

Desses poemas errantes e primordialmente orais, temos *Os poemas suspensos – Al-Mu‘allaqat* –, renomada antologia da poesia *Jabiliyya*. Em inglês, o título mais comumente encontrado além do *The suspended odes* é *The seven odes* ou *The seven golden odes – As sete odes* ou *As sete odes de ouro*, respectivamente –, posto que são sete poemas de sete autores diferentes: Imru-l-Qais, Zuhair, Tarafa, Labid, Antara, Amr Ibn Kulthum e Harith Ibn Hilliza, que atravessaram os séculos até o nosso tempo por “resumirem o mais puro conjunto da antiga poesia árabe” (HANANIA, 2007, p. 76). Esses poetas e poemas foram laureados pelas feiras comerciais que aconteciam ao redor de Meca nos períodos de peregrinação pagã, e que acabaram por se tornar verdadeiros concursos de poesia:

Os poemas eram julgados e divulgados pelos comerciantes que os transportavam junto com suas mercadorias. As mais célebres eram as de Majanna, de Du al-Majaz e de Ukaz, que ocorriam em períodos de peregrinação (de que Meca era um importante centro), contando assim com grande número de pessoas, por causa da participação dos próprios peregrinos que vinham ouvir os menestréis recitarem suas composições, com vistas à atribuição de prêmio. (Ibidem)

O nome *Al-Mu'allaqat*, literalmente, *As suspensas*, ou *Mudahhabat*, literalmente, *Douradas* (Ibidem), como se convencionou chamar essa antologia, origina-se de uma história popular que dizia que os melhores poemas eram tecidos a ouro e pendurados no interior da Caaba, em Meca. Apesar de hoje não se acreditar muito que os poemas eram realmente pendurados, pelo fato de só terem sido compilados e fixados textualmente trezentos anos depois, a imagem de suspender poemas tecidos a ouro no interior da Caaba, que carrega a potência histórica e espiritual desde tempos imemoriais, sendo hoje o símbolo da religião islâmica<sup>1</sup>, é visualmente significativo e fascinante, é a imagem do estatuto da poesia árabe, como se o poema fosse indissolúvelmente ligado ao poeta, nele costurado, presentificado pela voz que superpõe, entrepõe e interpõe em perfeita simbiose o som e o sentido nos versos e nos homens, destes para aqueles, ou vice e versa, posto que já são um só.

Com o advento do Islã, quando, segundo o relato corânico o anjo Gabriel revelou ao Profeta Muhammad o Alcorão, acredita-se que o Profeta se utilizou da poesia para as batalhas das conquistas muçulmanas convocando os poetas da região. Por outro lado, muitos acreditam que a poesia seja condenada pelo Islã, tese respaldada pela Sura 26 do Alcorão, *Os poetas*. Esta contradição e tensão entre poesia e profecia, que estrutura o problema da poesia no mundo islâmico, pode ser dirimida, ainda que de modo superficial, quando se entende que a condenação é direcionada exclusivamente à poesia pagã da era pré-islâmica. O Alcorão, por outro lado, alerta para que não se confunda o poeta com o Profeta, o poema com o Alcorão, a palavra sagrada:

Quereis que vos inteire de sobre quem descerão os demônios?/ Descerão sobre todos os mendazes, delinquentes,/ Que dão ouvidos aos satânicos e são, na sua maioria, falazes./ E aos poetas seguem os insensatos./ Não tens reparado em como se confundem em todos os argumentos./ E em que dizem o que não fazem?/ (Só não descerão) sobre os crentes que praticam o bem, louvam incessantemente a Deus e somente se defendem quando são atacados iniquamente. Logo saberão os iníquos as vicissitudes que os esperam! (EL HAYEK, 1975, p. 272-273)

---

<sup>1</sup> Segundo a tradição islâmica, Meca foi o local escolhido por Abraão para a adoração monoteísta. Acredita-se que o capítulo de Gênesis, da Bíblia, descreve a construção da Caaba. No período pré-islâmico, Meca abrigava toda sorte de estátuas pagãs, típicas das crenças do período, e a Caaba simbolizava o sistema solar. No entanto, quando o Alcorão foi revelado a Muhammad, o Profeta deu sete voltas ao redor da Caaba e destruiu as estátuas, estipulando um dos pilares centrais do islamismo: a peregrinação.

Hoje os poemas não são mais pendurados no interior da Caaba, mas recitados, por exemplo, em um programa de televisão, *Sha'ir al-Milyoon* (“O Poeta dos Milhões”), líder de audiência no golfo pérsico. O programa, uma espécie de *American Idol*, ou *Ídolos*, na versão brasileira, é transmitido pela *Abu Dhabi TV* e tem mais de 70 milhões de espectadores. Trata-se de uma competição entre 48 poetas de 12 países árabes, em que o vencedor leva um prêmio de US\$ 1,3 milhão, mais de cinco milhões de reais, maior prêmio do que qualquer reality show no Brasil e maior do que o próprio Nobel da Literatura. Alguns desses poetas acabaram por se tornar conhecidos e bastante celebrados, como a saudita Hissa Hilal, única mulher na competição e que, respeitando as leis vigentes na Arábia Saudita, compareceu ao programa com o tradicional *niqab*, vestimenta para mulheres muçulmanas que deixa apenas os olhos descobertos. Ocupando o terceiro lugar na competição, ela se tornou famosa após recitar seu poema reivindicando direitos para as mulheres e criticando o extremismo e as *fátuas* muçulmanas (os pronunciamentos legais no islã):

O show produziu uma série de celebridades literárias. Em 2010, uma mulher saudita chamada Hissa Hilal tornou-se uma das favoritas do público depois de recitar um poema criticando os clérigos sauditas linha-dura. Durante a Primavera Árabe, um homem egípcio, Hisham Algakh, apareceu em um programa *spin off* recitando vários poemas em apoio aos manifestantes em Tahrir. Ele se tornou uma estrela da mídia e logo seus poemas estavam sendo recitados na própria praça. (CRESWELL e HAYKEL, 2015, s/p.)

No entanto, o tipo de poesia sobre a qual falarei, não aparece em livros impressos, não tem lançamentos divulgados, não é laureado pelos programas de televisão e muito menos recitado em estádios de futebol. Ao contrário, é recitado, divulgado e distribuído de forma clandestina, nos porões da internet, em sites e fóruns muitas vezes monitorados pelos departamentos de Inteligência. Refiro-me à poesia *jihadista*<sup>2</sup>, recitada e feita pelos próprios combatentes e pelos simpatizantes dos grupos. Falo, sobretudo, da al-Qaeda e do Estado Islâmico. O aparecimento desses grupos extremistas, principalmente deste último<sup>3</sup>, tem recolocado em pauta o problema da colonização ocidental, o sentimento devastador dos países árabes em relação às políticas ocidentais de ocupação.

---

<sup>2</sup> Aqui, o termo *jihadista* se refere especificamente à luta armada e não espiritual.

<sup>3</sup> A poesia do Talibã, de alguma forma relacionada aos conflitos no Afeganistão, possui um histórico de composição muito anterior ao do Estado Islâmico: “These poems cover a wide range of themes, although they often focus on the effects of war inside Afghanistan or on inspiring rank-and-file soldiers to continue their *jihad* [...]. Most of the poems [...] are linked in some way to the conflicts that have afflicted Afghanistan over the last three decades. This is especially true of the 1990s looms large in those written before 2001”. VAN LINSCHOTEN, Alex Strick; KUEHN, Felix. *Poetry of the Taliban*. New York: Columbia University Press, 2012, p. 32.

Esses testemunhos, em sua maioria, estão relacionados à representação midiática dos conflitos armados, ataques à bomba e imigração em massa daqueles que tentam fugir da guerra. Nesse contexto, é surpreendente o papel essencial que ocupa a poesia como substrato da voz emudecida dos combatentes que só é ouvida quando é televisionada a guerra, ou uma parte da guerra, uma parte da história.

Em 2015 o jornal americano *The New Yorker* publicou um artigo intitulado: “Battle lines, want to understand the jihadis? Read their poetry”, assinado pelos pesquisadores e professores do departamento de Literatura Comparada da Universidade de Yale, Robyn Creswell e Bernard Haykel. O curioso título, para dizer o mínimo, nos alerta para o ainda mais curioso conteúdo: a poesia feita pelos combatentes do Estado Islâmico e da al-Qaeda. Os autores, então, mostram que a poesia ocupa lugar central no conflito, servindo como impulso espiritual para os combatentes, como socialização e também como meio difusor da propaganda dos movimentos. Como eles nos dizem:

É impossível entender o jihadismo – seus objetivos, a atração que ele exerce sobre novos recrutas e sua durabilidade – sem examinar sua cultura. Essa cultura encontra sua expressão numa variedade de formas, incluindo hinos e vídeos documentários, mas a poesia é o seu coração. (CRESWELL e HAYKEL, 2015, s/p.)

No mesmo ano, os autores publicaram artigo sobre o mesmo assunto no livro *Jihadi culture: the art and social practices of militant islamists*, organizado por Thomas Hegghammer, referência nos estudos sobre jihadismo. O livro reúne artigos acadêmicos de diferentes pesquisadores sobre as práticas culturais desses combatentes, com o intuito de mostrar o universo estético do jihadismo. Além da poesia, os *autores-combatentes* possuem forte relação com música, iconografia, cinematografia, interpretação de sonhos e martirologia. Ainda assim, como já mencionado, o recurso predominante como voz no conflito é a poesia.

Em “Jihadist Propaganda and its Exploitation of the Arab Poetic Tradition”, na coletânea de ensaios *Reclaiming Islamic Tradition: Modern Interpretations of the Classical Heritage*, a professora de Oxford, Elisabeth Kendall, faz uma pergunta ao mesmo tempo importante e de difícil resposta: “por que um terrorista perseguido ocupa seu tempo com poesia quando poderia estar treinando?” (KENDALL e KHAN, 2016, p. 223). Simultaneamente, é possível completar o questionamento de Kendall com uma constatação de Robyn Creswell e Bernard Haykel, que diz: “[...] não é só que



eles fazem isso [i.e. poesia] - eles fazem muito, o que sugere que é significativo para todo o empreendimento” (2017, s/p). Em grupos como o Talibã, a al-Qaeda e o Estado Islâmico, é interessante pensar que não existe a separação entre aqueles que lutam com palavras e aqueles que lutam com armas, – como é possível observar no movimento dos poetas palestinos, ou *os poetas da terra ocupada* – os poetas são os próprios combatentes, o movimento de poesia é também o movimento de batalha.

Osama Bin Laden, por exemplo, foi escritor assíduo e poeta venerado. Flagg Miller, em seu livro, *The Audacious Ascetic* (2015), relata o acesso que teve às fitas que foram apreendidas no dia de sua captura, que continham milhares de poemas gravados. Em uma carta escrita no dia 6 de agosto de 2010, Bin Laden faz um pedido: “Se houver algum Irmão com você que entenda de métrica poética, por favor, me informe, e se você tiver algum livro sobre prosódia clássica, por favor, envie-o para mim” (CRESWELL e HAYKEL, 2017, s/p). Além disso, Robyn Creswell e Bernard Haykel nos dizem que “os discursos e entrevistas do líder da al-Qaeda são recheados de versos citados [...]. Uma grande parte do carisma de Bin Laden como líder [se deve ao] seu domínio da eloquência clássica, incluindo sua capacidade de compor poesia” (Ibidem). É surpreendente nos darmos conta desse fato: Osama Bin Laden como poeta, a mesma pessoa que foi posta, em nosso imaginário ocidental, através dos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova Iorque e das sucessivas guerras que eclodiram como causa direta deles. Como pensar a poesia como substrato essencial desse homem que já foi o mais procurado do mundo e de outros grupos e combatentes? Para termos uma breve, porém significativa, dimensão de sua escrita, torna-se necessário lermos um poema escrito por ele, encontrado em uma das fitas, recitado pelo seu filho Hamza, que apresento aqui em tradução livre do inglês:

Ó meu pai, tu definhas na fuga?  
Quando teremos um lar estável?  
Meu pai, você não viu o círculo de perigo?  
você prolongou minha jornada, pai, entre os terrenos baldios e os assentamentos  
Tu tens feito a minha jornada, pai, em todo vale devasso  
até que você tenha esquecido minha tribo, os filhos dos meus tios e até os seres humanos  
[...] (MILLER, 2015, p. 358)

O novo líder da al-Qaeda, após a morte de Bin Laden em 2011, Ayman al-Zawahiri, médico, filósofo e letrado, é também um poeta ativo. Abu Bakr al-Baghdadi, atual líder do

autoproclamado Estado Islâmico, no Iraque, não é poeta, mas escreveu sua tese de doutorado sobre a arte da escrita. Saddam Hussein, que não era escritor, conhecia a potência da poesia e a força que essa palavra poderia alcançar politicamente, como comenta Saadi Youssef, um dos poetas mais conhecidos do Iraque e do mundo Árabe, que passou boa parte dos anos 80 exilado do regime de Saddam Hussein. Em uma entrevista concedida ao jornalista e escritor Tariq Ali, o poeta relata o convite que ele e mais dois poetas de sua época, al-Jawahiri e Mudhaffar al –Nawab, receberam para recitar publicamente suas poesias:

Saddam estava sempre mandando emissários para nos fazer apelos. Queria que nós três voltássemos para uma leitura pública de poesia em Bagdá. Ele e nós sabíamos que, se isso acontecesse lá, haveria pelo menos meio milhão de pessoas no evento. Por seu mensageiro ele nos disse: “Sei que vocês são comunistas e me atacam, mas entendo que também fazem parte de nossa herança nacional. Por favor, voltem”. (ALI, 2003, p. 33)

Como explicar, em cada caso, essa relação tão íntima entre a prática ideológica da violência e a poesia? Entre os líderes há também a forte presença de uma mulher, Ahlam al-Nasr, mais conhecida como “a poeta do Estado Islâmico” (CRESSWELL e HAYKEL, 2017, s/p), que foi alçada à posição de sua principal voz poética. Seu primeiro livro de poesia, *A chama da verdade*<sup>4</sup>, foi publicado online nas mídias sociais utilizadas pelo grupo “e logo se tornou uma espécie de modelo da corte” (Ibidem), tal como eram chamados os poetas pré-islâmicos que se utilizavam do gênero laudatório em suas *qassidas*, as odes rigidamente metrificadas em que “não só organizavam as recepções e cerimônias públicas como defendiam a política exercida pelo governante, visando à atenção da opinião pública por meio de seus poemas” (HANANIA, 2007, p. 81). Seus poemas contêm uma alusão constante à legitimação da criação de um califado islâmico e a defesa do EI, além de descrever as batalhas e o chamado para o *jihad*. Robyn Creswell e Bernard Haykel nos dão uma importante introdução ao livro de al-Nasr:

*A chama da verdade* consiste em 107 poemas, incluindo elegias para os combatentes (*mujahidin*), lamentos para os prisioneiros e odes vitoriosas para os exércitos do EI. Há também poemas curtos, como um sobre a fuga de jihadistas rivais da cidade síria de Deir al-Zor, que eram originalmente tweets. Quase todos os poemas, incluindo os tweets, são escritos com monorrimas e com a métrica clássica árabe. Essa atenção à forma é típica do verso militante. Como muitos amadores, os jihadistas se deliciam com feitos virtuosos e demonstrações de aprendizado. *A chama da verdade* inclui notas de rodapé explicando a sintaxe difícil e esquemas incomuns de rima, o que é uma maneira

---

<sup>4</sup> Tradução livre do inglês, *The Blaze of Truth*.

conveniente de chamar a atenção para sua existência. (CRESWELL e HAYKEL, 2017, s/p)

Ahlam al-Nasr já era conhecida nos círculos jihadistas antes de *A chama da verdade*. Seus poemas podem ser encontrados nos fóruns desses grupos em que é possível acessar também áudios e vídeos de recitações à capela. Sobre ela, pouco se sabe, mas segundo Creswell e Haykel há indícios de que é originalmente de Damasco, na Síria, posto que seus poemas fazem alusões constantes aos conflitos e às manifestações que se iniciaram em 2011, que clamavam – e ainda clamam – pela saída do atual presidente Bashar al-Assad. Em um desses poemas al-Nasr expõe a violência da repressão dos exércitos de Assad, como podemos ler em tradução livre do inglês:

Suas balas despedaçaram nossos cérebros como  
um terremoto,  
Mesmo ossos fortes racharam  
e depois quebraram.  
Eles perfuraram nossas gargantas e espalharam  
nossos membros -  
Foi como uma aula de anatomia!  
Eles lavaram as ruas enquanto o sangue ainda escorria  
Como correntes caindo das nuvens.  
(*Ibidem*, tradução nossa)

A eloquência refletida na poesia de al-Nasr parece possuir um fim propagandista, com o intuito de disseminar os ideais do grupo, de enaltecer os combatentes e os mártires e de recrutar novos guerreiros para as batalhas. Além disso, há constantemente alusão a um estado islâmico essencial. Al-Nasr afirmará em seus poemas o estabelecimento desse estado se remetendo ao primeiro califado, “cuja criação se deu no século VII pela ação do profeta Maomé e seus companheiros, uma sociedade perfeita governada por um mandato divino [...]. A expressão política da vontade de Deus.” (NAPOLEONI, 2015, s/p). O Estado Islâmico, cujo principal objetivo é a criação de um califado, é regido segundo a teologia salafista, que procura reproduzir na atualidade “o comportamento dos primeiros fiéis que viveram na época de Maomé” (*Ibidem*). Para o estabelecimento desse califado, a poeta – a principal voz poética, e uma das mais importantes figuras do grupo – convocará o *jihad* através de uma exaltação a Umm al Amara, Khaula e Saffia, três

guerreiras que lutaram nas batalhas do profeta Muhammad. Atualmente é comum que grupos, não só o EI, façam alusões a essas combatentes com o intuito de convocarem mulheres às batalhas<sup>5</sup>.

Tirai minhas mãos da vergonha e da humilhação  
Pois, amei as alturas e o brilho das luzes.  
Não, não me contentarei com a vida curvada.  
[...]  
Meus exemplos são: Umm al Amara, Khaula e Saffia,  
Que forjaram a nossa luta (jihad).  
Não, não dizeis que não há jihad para nós.  
Pois nenhuma vida é digna sem sacrificarmos o nosso sangue.  
Não seria a vida dos cordeiros sob suas chibatas e seus lobos, amigo, a nos devorarem?  
E como seria a vida sob a opressão infundável?  
E como acolheram os nobres as ofensas?  
Pois não há vida sem o “jihad” e sua glória.  
O “jihad” é a nossa vida e nossa obra.  
É a ele que temem os soldados inimigos.  
E é ele que desenha a felicidade nas faces no Dia do Juízo.<sup>6</sup>

Essa luta é o *jihad*, conceito caro para a religião muçulmana e que geralmente é traduzido como “guerra santa islâmica”. Como nos diz Shiraz Maher, “*jihad* é o conceito islâmico mais conhecido e menos compreendido na consciência pública da atualidade” (MAHER, 2017, p. 77). A palavra advém da raiz do verbo árabe *jahada*, que significa esforço ou empenho. No entanto, no contexto religioso, que é o que nos interessa agora, o sentido se expande para “esforço” ou “empenho no caminho de Deus”, como aparece no Alcorão (Sura 2:218), *fi sabil Allah*, que tanto pode ser entendido como “luta espiritual” como o que nos diz Seyyed Hossein Nasr, “a defesa do *dar al-islam*”, isto é, do mundo islâmico, “contra a invasão e a intrusão de forças não islâmicas” (BARTHOLO e CAMPOS, 1990, p. 217). Além disso, no livro *Encyclopedia of Islam* encontramos um significado ainda mais esclarecedor para nos ajudar a entender o uso recorrente da palavra na poesia de al-Nasr, bem como para entendermos o projeto de construção de um califado: “na lei, de acordo com a doutrina geral e da tradição histórica, *jihad* consiste na ação militar com o objetivo da expansão do Islã e, se necessário, de sua defesa”<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> O grupo Talibá, por exemplo, possui uma revista intitulada *Sunnat-e-Khaula*, criada para incentivar que mulheres se unam pelo *jihad*.

<sup>6</sup> O livro completo de al-Nasr está disponível no site <<https://jihadology.net/?s=flame+of+truth>>. As traduções dos poemas em árabe foram feitas por Gilberto Abrão para minha dissertação de mestrado.

<sup>7</sup> *Encyclopedia of Islam*, New Ed., s.v. “Djihad” (E. Tayan). Grifos meus, tradução nossa.

Ainda que o Islã tenha começado como uma proclamação pacífica da nova religião e da unicidade de Deus, o Profeta e seus seguidores logo se viram perseguidos por tribos que forçaram sua fuga da cidade de Meca para Medina, em 622 d.C., evento conhecido como Hégira, que deu início ao calendário islâmico e às sucessivas guerras de expansão, controle territorial e de conversão religiosa das tribos habitantes das cidades conquistadas. Dessa maneira, o *jihad* ficou estabelecido como o chamado para a batalha, seja para a defesa do mundo islâmico ou para a expansão deste em territórios não islâmicos, tendo sido também formalizado no Alcorão, nas *sunnahs* e nos *hadiths* – os ditos e os feitos do Profeta –, como o mais conhecido, *Kitab al-jihad*, ou *O livro do jihad*. O *jihad* será então a luta que irá permitir o restabelecimento do califado no mundo, que é reivindicação primeira do Estado Islâmico, e a poesia será o chamado convocatório para essa guerra, a voz essencial para o recrutamento dos combatentes, para a propaganda e, sobretudo, para a expansão do Islamismo.

Além de ser um chamado convocatório para o *jihad*, a poesia de al-Nasr e de outros combatentes se prestam a outra finalidade: fazer do poema, da palavra poética, um modo de problematizar o presente, assumindo, dessa maneira, uma relação transformadora com o passado. É no presente que a moderna militância jihadista irá recuperar a potência renegada pelo passado histórico estabelecido pelo Ocidente, encoberto ou soterrado pelos escombros da experiência colonial. A poesia, antes de ser apenas propaganda, emerge dessa situação que propõe uma iluminação e transformação do passado para pôr em crise o presente e (re)transformá-lo. Nesse sentido, a poesia parece instaurar uma efetiva quebra, a qual procura reverter, mesmo que pela palavra e pelo verso, essa relação entre *forte* e *fraco*, entre *poder* e *submissão*, representando e reforçando constantemente “a ideia de um inimigo ocidental corrupto em oposição ao guerreiro puro de Allah” (KENDALL, 2016, p. 226). Recuperando o apelo do passado no presente, pelo verso, acaba por inverter essas relações e reconfigura também o dualismo *bem/mal*. Um exemplo disso é o grupo Estado Islâmico que, desde o início da guerra civil da Síria, em 2011, vem tentando reconfigurar o mapa do Oriente Médio a fim de reivindicar seu passado, derrubando as fronteiras impostas pela experiência colonial, fato que ocorreu através da Primeira Guerra Mundial, pelo acordo *Sykes-Picot*, estabelecido em 1916 entre a França e a Inglaterra, que passaram a dominar “os antigos territórios do Império Otomano” (WAINBERG, 2016, s/p). Nesse sentido, a rejeição do Estado-nação como norma política está no centro da política jihadista:

Um dos vídeos mais notáveis do EI mostra os jihadistas destruindo a fronteira entre o Iraque e a Síria, uma linha estabelecida pelo infame acordo Sykes-Picot de 1916. Desde a fundação do califado de Abu Bakr al-Baghdadi, os jihadistas adotaram a prática de filmar cerimônia de combatentes estrangeiros rasgando e queimando seus passaportes - um ato destinado a simbolizar a rejeição da antiga fronteira e o nascimento de uma nova. (CRESWELL e HAYKEL, 2017, s/p)

Esse apelo é somente mais uma ferramenta utilizada pelo Estado Islâmico<sup>8</sup>. A própria autodenominação do grupo, que reivindica para si o estatuto de um “Estado legitimado por uma guerra de conquista” (NAPOLEONI, 2015, s/p) se mostra como um poderoso instrumento de propaganda, provocação e contestação dessas fronteiras geográficas impostas pelo Ocidente: a reprodução do Califado Islâmico do século VII no século XXI, edificando a ideia de um novo período áureo do Islã, *o verdadeiro Estado* concebido por Muhammad e seus companheiros. Nesse sentido, desde o seu desvencilhamento da al-Qaeda, organização da qual se origina, lançou-se ao mundo a partir de designações que representam seus futuros alcances políticos e ideológicos. A mais profunda dessas transformações ocorre em junho de 2014, dois anos depois da tomada de Raqqa. Ao assumirem o controle de Mosul, a capital da província de Ninewah, e a terceira maior cidade do Iraque, já não bastava a denominação EII – Estado Islâmico do Iraque –, e tampouco a denominação EIIL – Estado Islâmico do Iraque e do Levante –, posto que passou a controlar outras cidades e localidades, enquanto avançava rumo à capital, Bagdá. Com a proclamação do Estado Islâmico o autoproclamado Califa, Abu Bakr al-Baghdadi, abolia todas as formas de cidadania, instaurando a noção de que não havia mais fronteiras, mas uma unidade: o Estado Islâmico. Em um poema, traduzido do inglês, Ahlam al-Nasr celebra a vitória da conquista de Mosul e ameaça a tomada de Bagdá, utilizando-se, sobretudo, da imagética da poesia clássica árabe, dos leões, da metáfora dos soldados do EI:

Pergunte a Mosul, cidade do Islã, sobre os leões -  
Que com sua luta feroz  
trouxe a libertação.  
E a terra de glória experimentou sua humilhação e

---

<sup>8</sup> Outros grupos também reivindicam a criação de um califado: “O objetivo final de grupos como a Al-Qaeda (Afeganistão, Arábia Saudita), Abu Sayyaf (Filipinas), Ansar al-Islam (Curdistão), Grupo Armado Islâmico (Argélia), Exército do Islã (Gaza), Boko Haram (Nigéria), Talibãs (Afeganistão), Jihad Islâmica (Egito), Lashkar-e-Taiba (Paquistão), Jaish-e-Mohammad (Caxemira), Jemaah Islamiyah (Tailândia, Singapura, Malásia e Filipinas), Harkat-ul-Jihad al-Islami (Paquistão, Bangladesh e Índia), Harkat-ul-Mujahideen (Paquistão), Hamas (Gaza), Al-Shahab (Somália), Mujahideen da Índia, ISIS/Estado Islâmico (Iraque e Síria), Irmandade Muçulmana (Egito), Frente Moro de Libertação Islâmica (Filipinas) e Tehrik-i-Taliban (Paquistão) é reconstituir o Califado e a glória do Islã no mundo.” WAINBERG, Jacques A. *ISIS e Estado Islâmico: utopia e mente delirante*. op.cit., s/p. E-book.

derrota  
Para depois se vestir em trajes de  
esplendor.

Eu ouço o seu lamento, Bagdá, só seja paciente  
sua vez com os leões rugindo  
virá.  
O sol está nascendo sobre o Iraque  
e ele respira nas  
flores da vitória:  
os infiéis xiitas colheram as recompensas da  
inimizade;  
a cruz está quebrada e  
desonrada.  
(CRESWELL e HAYKEL, 2017, s/p)

Além disso, o poema de al-Nasr mostra que é preciso sempre afirmar seu território, dado que seu “Estado” não é reconhecido por nenhum outro país, é um Estado utópico e imaginado, mas que pela propaganda e pela poesia, procura apagar essas barreiras e essas fronteiras para legitimá-lo como verdade. Como nos explicam Creswell e Haykel (2017, s/p) esse “Estado” é “um mundo de fantasia de fronteiras flutuantes onde tudo pode acontecer, inclusive o retorno do passado glorioso”. Em um trecho de um poema, traduzido também do inglês, al-Nasr reivindicará essa geografia, esse novo mapa sem fronteiras, através de um “entusiasmo visionário” em que busca integrar toda a comunidade muçulmana (*Ibidem*), a *Umma*:

A minha pátria é a terra da verdade,  
os filhos do Islã são meus irmãos.  
Eu não amo o árabe do sul  
mais do que o árabe do norte.  
[...]  
Se a Palestina clama,  
ou se o Afeganistão chama,  
Se o Kosovo é injustiçado,  
ou Assam ou Pattani são ameaçados,  
Meu coração se estende a eles,  
[...]  
Somos todos um só corpo,  
esse é o nosso credo feliz.  
Nós diferimos pela linguagem e pela cor,  
mas compartilhamos a mesma veia.  
(*Ibidem*)

Dessa maneira, a poesia entra como substrato essencial dos combatentes, é o chamado para o *jihad*, a arma fundamental para o combate, aquilo que buscará unir a *umma* muçulmana ao redor

da palavra para concretizá-la. Mas a poesia é também a voz que emerge do outro lado da fronteira e do conflito, que busca problematizar o passado renegado pela experiência colonial para transformá-lo e instaurar a continuidade do Califado Islâmico do século VII, pois como diz o pesquisador árabe, Salah Stétié, o poeta árabe é aquele que “anuncia o novo estado das coisas. Que aproxima seus dedos da fissura e trabalha intuitivamente, por vocação de poeta, para aproximar os lábios da ferida para fundar o novo corpo.” (STÉTIÉ, 1972, p. 12-13).

De agora em diante o poeta não mais recitará em estádios, como fez o poeta palestino Mahmoud Darwish, mas escreverá clandestinamente pela internet. A internet será seu estádio. O poeta não mais declamará nas ruas, mas em cima dos escombros, nos restos das cidades e nos esconderijos. Agora, ele será o poeta dos destroços e das ruínas

## REFERÊNCIAS

- ALI, Tariq. **Bush na Babilônia**. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARTHOLO, R.; CAMPOS, A. (Org.). **Islã, o credo é a conduta**. Tradução de Arminda Campos e Roberto Bartholo. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- CACHIA, Pierre. **Arabic Literature: An Overview**. New York: Routledge, 2004.
- CRESWELL, R.; HAYKEL, B. Poetry in Jihadi Culture. In: T. Hegghammer (Ed.), **Jihadi Culture: The Art and Social Practices of Militant Islamists**. Cambridge: Cambridge University Press. 2017. E-book.
- EL HAYEK, Samir. **Alcorão Sagrado**. [S. l.]. Tradução e notas de Samir el Hayek. Tangará, 1975.
- ENCYCLOPEDIA of Islam. New Ed., s.v. “Djihad” (E. Tayan).
- FIRESTONE, Reuven. **Jihad: The Origin of Holy War in Islam**. New York: Oxford University Press, 1999.
- HANANIA, Aida Ramezá. O Patrimônio Literário Pré-Islâmico e sua Repercussão na Cultura Árabe. In: PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. **O Islã Clássico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.



HEGGHAMMER, Thomas. **Jihadi Culture: The Art and Social Practices of Militant Islamists**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. E-book.

KENDALL, Elisabeth. Jihadist Propaganda and its Exploitation of the Arab Poetic Tradition. In: KENDALL, Elisabeth; KHAN, Ahmad (Orgs.). **Reclaiming Islamic Tradition: Modern Interpretations of the Classical Heritage**. Edinburgh University Press, 2016.

KENDALL, Elisabeth; KHAN, Ahmad (Orgs.). **Reclaiming Islamic Tradition: Modern Interpretations of the Classical Heritage**. Edinburgh University Press: 2016.

KENDALL, Elisabeth. Yemen's al-Qa'ida and Poetry as a Weapon of Jihad. In: KENDALL, Elisabeth; STEIN, Ewan (Orgs.). **Twenty-First Century Jihad: Law, Society and Military Action**. London: I.B. Tauris, 2015.

LAÂBI, Abdellatif. **Poesia Palestina de Combate**. Tradução de Jaime W. Cardoso e José Carlos Gondim. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

MAHER, Shiraz. **Salafi jihadism: the history of an idea**. Great Britain: Penguin Books, 2017.

MILLER, Flagg. **The Audacious Ascetic: What the Bin Laden Tapes Reveal about al-Qa'ida**. New York: Oxford University Press, 2015.

NICHOLSON, Reynold. **A literary history of the Arabs**. Great Britain: Cambridge University Press, 1930.

PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (Org.). **O islã clássico: itinerários de uma cultura**. Perspectiva: São Paulo, 2007.

RIDHA, Abbas Tawfiq. **Modern trends in Arabic literary criticism between 1900 and 1925: a comparative study of the school of Al-Diwan and the romantics**. 2015. Thesis (Doctor of Philosophy in Arabic) - Aligarh Muslim University, Aligarh, 1983. Disponível em: <<http://shodhganga.inflibnet.ac.in/handle/10603/55211>>.

STÉTIÉ, Salah. **Les porteurs de feu et autres essais**. France: Gallimard, 1972.

VAN LINSCHOTEN, Alex Strick; KUEHN, Felix. **Poetry of the Taliban**. New York: Columbia University Press, 2012.

## MATERIAL ONLINE

BARGHOUTI, Mourid Barghouti. 'He is the son of all of you'. [S. l.]. *The Guardian* (online), 16 ago 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2008/aug/16/poetry>>. Acesso em: 17 set 2018.

CRESWELL, Robyn; HAYKEL, Bernard. Battle lines: want to understand the jihadis? Read their poetry. *New Yorker* (online), 15 jun 2015. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2015/06/08/battle-lines-jihad-creswell-and-haykel>>.

\_\_\_\_\_. *The Poetry of Jihad*. 2015. (6m35s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bTE7whk-S5A>>.

KENDALL, Elisabeth. *Al-Qa'ida, Islamic State and the Re-claiming of the Arab Poetic Tradition*. 2016. (44m07s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gtspESkYhrs>>.

MARSHALL, Alex. Why I became a jihadist poetry critic. *BBC NEWS* (online), 29 ago 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/magazine-40954948>>.